

## Artigos

# Empatia e meio ambiente



### Emiliano Lobo de Godoi

Professor da Escola de Engenharia Civil e Ambiental da Universidade Federal de Goiás (UFG)

A palavra “empatia” tem origem no termo grego *empathia*, resultante da junção de “em” + *patheia* (paixão), significando, literalmente, “sentir por dentro” ou “sentir com o outro”. Trata-se da capacidade de se colocar no lugar de outra pessoa, de perceber o mundo a partir de sua perspectiva, como se estivéssemos vivenciando a mesma experiência.

Não é apenas um exercício intelectual, mas uma disposição sensível que exige abertura, escuta e reconhecimento. O filósofo britânico David Hume, no século XVIII, afirmava que “a beleza das coisas existe no espírito de quem as contempla”. Essa reflexão sugere que perceber o valor do outro, seja uma pessoa, um ser vivo ou um elemento da natureza, depende da disposição de olhar com mais atenção e sensibilidade.

No entanto, em um contexto marcado por relações desgastadas, pela pressa cotidiana e pela centralidade dos interesses individuais, a empatia tende a se esvaziar. Quando o olhar se volta exclusivamente para si e as ações se orientam apenas pelo benefício próprio, reduz-se drasticamente a possibilidade de conexão genuína com o outro.

Nesse cenário, surge uma questão inevitável: como falar em cuidado com plantas, animais, rios e florestas, se não somos capazes de cuidar das pessoas que estão ao nosso redor? O meio ambiente não é uma abstração distante. Ele corresponde ao espaço em que vivemos, às relações que estabelecemos e às interdependências que sustentam a vida. É o conjunto de tudo e todos que nos cercam.

Assim, cuidar do meio ambiente implica, antes de tudo, reconhecer nossa inserção nesse todo e agir com responsabilidade diante dele. Para avançar nessa direção, é necessário superar a herança cultural do antropocentrismo, termo de origem grega que combina *anthropos* (humano) e *kentron* (centro).

Essa visão coloca o ser humano como medida de todas as coisas, reduzindo a natureza a um mero instrumento de uso e de exploração. Sob essa lógica, o valor dos demais seres e dos próprios ecossistemas é condicionado à sua utilidade para os interesses humanos, o que contribui para práticas predatórias e insustentáveis.



Cuidar do meio ambiente, portanto, exige uma mudança de paradigma. Implica reconhecer que somos apenas uma pequena parte de um sistema complexo e interdependente. Significa admitir que outros seres possuem valor intrínseco e merecem respeito. Trata-se de buscar um equilíbrio entre as necessidades humanas e a preservação dos ecossistemas, promovendo uma relação mais harmônica e responsável com a natureza.

É tempo de caminhar em direção a uma perspectiva ecocêntrica, na qual o ser humano deixa de ocupar o centro absoluto e passa a se compreender como parte integrante da natureza. Essa mudança não é apenas conceitual, mas ética e prática.

Envolve abandonar a lógica da exploração irrestrita e adotar uma postura de cuidado, reconhecimento e coexistência. Afinal, não é a natureza que depende de nós para existir. Somos nós que dependemos dela para viver.